Actividade literária contínua

D.4

N.º 208 — SERIE II — O NOTICIAS ILUSTRADO — PAG. 6

UM DRAMA NA SELVA

NOVELA INÉDITA POR ALVES REDOL

NÃO havia, em todas aquelas redondezas, sobido mais poderoso que o do soba Quiponga.

Numa região montanhosa, onde os pincaros erguem as suas agulhas no céu—como braços negros e desformes clamando preces—ali se cria o café, o cacau e as oleaginosas, parte do oiro sagrado do solo africano. desse solo sempre fecundo, onde em cada baldio coberto de capim, se pode obter uma boa porção de pés de sizal.

Saltando por entre ravinas e correndo doudalmente, em torrente, por entre as gargantas da serra, existe um rio que espalha a fertilidade por toda a região, quer formando rápidos ou caindo das alturas, em cataratas, que vêm rebentar nas rochas cobertas de musgo viçoso. E' no sopé da montanha, do lado direito do rio, que as sanzalas se alinham simètricamente, com as suas cubatas de pau a pique, onde a teca e o pau rosa têm largo consumo.

Lá ao longe, numa curva graciosa que o rio descreve, começa a floresta virgem, donde se soltam ecos contínuos—que, agora, se assemelham a uivos de feras, para se converterem, em seguida, numa balada monótona e cadenciada. Em noites de tempestade, as descargas encontram diapasão no mato cerrado e ali se escende o lição, soltando bramidos que se perdem nas quebradas da montanha e fazem emudecer, nos lábios das negras, as canções arrastadas e selvagens, enquanto durante a ceia de pirão com peixe ou carne de caça, ou ainda nos ensaios da rapariga que se propõe a balladeira de batuque.

A cubata de Quiponga fica no meio dum terreiro, rodeada por outras catorze cubatas, perfeitamente a cada uma das suas mulheres e tinha uma larga vedação de bambú, que resguardava milho viçoso, algumas bananeiras e árvores de cidra, das galinhas que esgaravatavam pelo meio da embala.

Era maior de que as restantes choupanas da sanzala e, em lugar de capim com barro, as paredes, interiormente, eram revestidas de esteiras artísticas, de côres estranhas e profusamente dispersas. No tôpo, desfraldava-se uma velha bandeira portuguesa, que fôra adquirida a um branco a troco de algumas sacas de farinha de bombó e de uma negra de tenra idade, de seios ainda a despontarem.

Todas as manhãs, mal o sol assomava o horizonte, a Quiponga, com a sua corda de bandeira, dar uma volta em busca de caça até às terras do soba Kilunji, onde descansava e preparava-se para o seu pedorjo e riquezas, uma negra de dez anos, que era o cuidado da povoação com os seus olhos brilhantes e sensuais e os seios pequeninos a erguerem-se erectos e firmes.

Já andava, havia meses, nesta conquista e tende falado com Kilunji, o velho soba não acedera:

—E' a rapariga mais bonita cá do povo. Todos a adoram. E' a filha do Sol e não a posso dar. Todas as outras são tuas. Leva-as.

Mas a sua ambição era só sexual. Falara com ela. A rapariga resistira, dizendo que desprezava tôda a sua riqueza, porque mais cada qual era que a sua cubata e a amizade da sua gente. Ele tinha muitas mulheres, chegavam-lhe bem, e ela não gostava de homem algum, quer ser livre, correr côrtes pelos campos, sem ter um senhor que a dominasse.

Estava sentado numa pedra, junto a um grupo de cajueiros, quando o primeiro conselheiro, que ocompanhava sempre, sorrindo-se vitorioso, o chamou à parte e lhe falou ao ouvido. Depois de sorrir, Quiponga ergueu fitmes a cabeça, numa atitude altêrica, dos brilhantes e fulminamem como raios, um sorriso leve a desenhar-se-lhe na bôca—sinal de que a nova lhe tinha agradado.

—Pois, sim. Convida o soba e o povo todo para a festa da manhã. A rapariga que não falte...

. . . . . .

Durante a tarde daquele dia e pela noite fora, braços atléticos de centenas de negros erguiram cabanas e machados, arrancando árvores seculares do seio da floresta.

Não faltou macanha e aguardente para o canjo, embrulhe, de quando em vez, se ouvisse um estalido, de chinote, caindo sôbre o dôrso de algum negro, que se entretinha a conversar com o companheiro do lado ou a saborear, por mais tempo, as fumaças do tôsco cachimbo.

Quando a noite acendeu-se as fogueiras, para espantar a bichaada, e, para lá delas, sentam-se a roda lhada dos leões, das hienas e das pantheras, soltando rugidos ou dando prêsa.

Quando a aguardente fez sentir os seus efeitos, a gargalhada surgiu em cada canto, em cada canto, um outro rodeava dois negros atléticos que gladiavam em disputa de meia canada.

Estava sentado numa pedra, junto a um grupo de cajueiros, quando se devia efectuar a grande festa do soba Quiponga.

Chegaram cacadores que gerarão a aproveitados de fogueiras, fôram-se assando tôdas as peças em grandes espetos de ferro. Daí a pouco, chegou Quiponga com a sua comitiva e povo das sanzalas, entoando uma canção monótona, onde se falam as belezas do seu povo e a competente banda de música.

Os conselheiros, velhos negros de barba branca, muito rala, a dar-lhes ao rosto uma nota de respeito, partiram em tipóias, aos ombros atletas, a esperar Kilunji e a sua gente. Quiponga estava sentado sôbre um palanque revestido de peles raras e envergava uma farda multicor, onde o azul e o encarnado tinham larga representação; na mão, empunhava o seu bastão de pau-ferro, símbolo de sua soberania e justiça implacável.

Mal assomou o sobado visitante, a banda rompeu numa música sem ritmo, gritante, selvagem e Quiponga ergueu-se arrogante, bôca escancarada, deixando ver a longa fileira de dentes agudos, num sorriso de vitória. Depois dos cumprimentos, começou a festa.

Negros, de tanga a cingir-lhes os quadris, foram servindo carne e aguardente e a banda continuou na sua música sempre igual, com bons rufares de tambores. Começou, depois, o batuque. Tôda aquela massa negra de gente se desengonçou, numa dança esquisita e diabólica, de braços e pernas bamboleando, vértiges cindulando, em atitudes sensuais, em ofôgo bogess contínuos. As bôcas escancaravam-se em canções guerreiras, cortadas, de quando em quando, pela queda daquuma balladeira que tombava exausta.

Caiu a noite. E o entusiasmo continuou, sem interrupções.

Quiponga fez sinal a um negro para que se cumprisse o seu plano e, quási que instantâneamente, de todos os lados irrompeu a clareira bretou fogo.

—Fogo! Fogo!

E a multidão chocou-se em busca de fuga; os homens de Quiponga procuraram a luta, espumantes de raiva e erguendo os adversários à altura da cabeça deitavam-nos à voragem das chamas.

O pânico estava lançado. Gritos ntes de mutilados; angustia res a desfibrarem-se, crianças

[illegible]

brutinantes e sensuais de seios pequeninos a erguerem-se erectos e firmes.

Quando tentou fugir, o fogo tragava tudo. Abriu os olhos numa sensação de pavor e agarrando a negra lançou-a ao chão, procurando possuí-la, já que a morte era certa. Mas, os poucos homens que já resavam, étrico da luta, ainda com desejos, como as chamas que os rodeavam, saltaram sôbre Quiponga e amarfanhando-o, atiraram-no à fogueira.

. . . . . .

As montanhas próximas eram laivos de lume a procurarem o céu.

E o rio, saltando por entre ravinas e correndo caudaloso, em uma toalha de diro a correr, a correr...

ALVES REDOL.

D.5

PRAIA DO SOL

Da Comissão de Iniciativa da «Praia do Sol», da Caparica, recebeu o nosso director o seguinte, que por nossa vez agradecemos:

Esta Comissão [illegible] V. Ex.ª a página [illegible] turismo, de vera.

A antiga Costa [illegible] mil da [illegible] mação e se não [illegible] dade, pois [illegible] dos [illegible] principalmente [illegible] com a concorrê [illegible] solução para a [illegible] carência de pel [illegible] ação pessoal.

Bem haja V. [illegible] cooperação na c [illegible] mos empenhado [illegible] Com os prote [illegible] lhor considerad [illegible] desejamos a V.

SAÚDE E FI [illegible]

N.º 229 — SERIE II — O NOTICIAS ILUSTRADO — PAG. 6

O último vôo

NOVELA INÉDITA DE ALVES REDOL

[illegible] Ou [illegible] Ou [illegible] Ou [